



Infodemia e patologias informacionais: o estado da arte na Ciência da Informação brasileira

Francisca das Chagas Viana

Doutoranda em Ciência da informação pela Universidade Federal da Bahia. Bibliotecária-Documentalista no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, Teresina, Brasil. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Brasil.

theskaviana17@gmail.com

Maria Isabel de Jesus Sousa Barreira

Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Docente do Programa de pós-graduação em Ciência da informação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil

isasousa2010@hotmail.com

Resumo: A pesquisa aborda o tema da infodemia, patologias informacionais, desinformação, sobrecarga informacional e ansiedade informacional como resultados do excesso de informação no século XXI. Para o desenvolvimento deste estudo, foi delineado como objetivo geral: mapear a produção científica brasileira que trata dessas temáticas em publicações disponíveis na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação com período de coleta de dados compreendido entre os anos de 2016 a 2022 e nos Anais do Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação com trabalhos publicados entre 2016 e 2019 e no ano de 2021. Método: a pesquisa traz uma abordagem descritiva e apresenta um viés quantitativo. Resultados: Os dados extraídos das bases de dados investigadas trouxeram como um dos resultados a informação de que o descritor “desinformação” foi o que registrou trabalhos publicados tendo o período da pandemia de COVID-19 reverberado positivamente no *quantum* de publicações científicas depositadas nessas bases de dados. Conclusão: A análise do material demonstrou que há um excesso de informação e que muitas se encaixam na categoria de desinformação. Por entender que a pesquisa adotou um recorte metodológico que pode limitar os resultados, recomenda-se que outros empreendimentos científicos sejam empreendidos considerando outras bases de dados, com foco nesses e em outros períodos, o que pode revelar novos cenários da produção científica (sobre os temas supracitados) no contexto brasileiro.

Palavras-Chave: Infodemia. Patologias informacionais. Desinformação. Sobrecarga informacional. Ansiedade informacional.



Introdução

A pesquisa na área da Ciência da Informação é dinâmica e acompanha os movimentos realizados em torno da produção, circulação e disseminação da informação. Esse fenômeno está presente em livros e periódicos científicos impressos e digitais, no rádio, na TV e nas mídias digitais. A cada segundo, em cada eixo do globo, a informação se faz presente, sendo lida, escrita, falada, ela continua sendo ao longo dos séculos um fenômeno social.

Esse tipo de configuração informacional presente no século XXI é social e tecnológico e tem como um de seus marcos o advento da internet. Para Foresti, Varvakis e Vieira (2018, p. 3) “A internet não é simplesmente uma tecnologia, mas também, uma forma de organização da atividade humana”. Essa configuração social tem como características as trocas informacionais ocorridas com o auxílio das plataformas de mídias sociais e de aplicativos de mensagens instantâneas que já respondem por uma parcela considerável de informação que circula no mundo, gerando uma infodemia. O resultado desse cenário é que as pessoas não conseguem filtrar e analisar criticamente toda a informação acessível. Algumas consequências desse excesso são denominadas de patologias informacionais.

Infodemia, patologias informacionais e os efeitos do excesso de informação

O excesso de informação sobre determinado tema, em determinado período, não é algo inédito e restrito à contemporaneidade. De acordo com Bawden e Robinson (2008, p. 3) questões envolvendo excesso de informação “[...] são problemas perenes, identificáveis há muitos anos, embora tenham recebido uma nova ‘[...] mordida’ por desenvolvimentos recentes na tecnologia”.

Uma contextualização histórica sobre o comportamento da informação em seus momentos escassez e excessos é abordada por Bawden e Robinson (2008, p. 3, tradução nossa):

Desde os primeiros “produtos de informação” nas civilizações do Egito e da Suméria, uma combinação de roteiros escritos com rolos de papiro e tabuletas de argila, respectivamente, permitiu que informações registradas fossem comunicadas através do espaço e do tempo. Foi assim durante a era do manuscrito, e igualmente durante a maior parte da era do livro impresso e do diário. Embora algumas citações desses tempos possam ser usadas para indicar um surto precoce de sobrecarga de informações, elas geralmente estão no contexto de uma incapacidade lamentável de ler tudo o que foi escrito. É somente no século XIX, com a grande expansão da publicação profissional e acadêmica, mas também geral, que a forma moderna de sobrecarga começa a aparecer, com pena de não poder mais acompanhar a literatura de sua autoria. Mesmo assim, os problemas dos serviços de informação ainda estavam preocupados em encontrar material adequado e suficiente.

De acordo com Bawden e Robinson (2008, p. 4) “A sobrecarga foi reconhecida explicitamente como um problema no influente Comitê Científico da *Royal Society* em uma conferência realizada em 1948”. Bawden e Robinson (2008) demonstraram preocupação com o excesso de informação e as chances de sobrecarga informacional por parte dos cientistas naquele período. Esse excesso de informação no cenário contemporâneo vem sendo denominado de infodemia. Para Araújo (2021, p. 2) “[...] a origem das mesmas se daria em decorrência do uso intensivo da internet e das redes sociais”. O termo infodemia foi citado pela



primeira vez no ano de 2003 pelo jornalista e cientista americano David J. Rothkopf, o fato ocorreu no período em que a epidemia da SARS (Síndrome Respiratória Aguda Grave) se manifestou no mundo. Rothkopf (2003, sem paginação) fez referência a essa epidemia de informação como sendo um “[...] fenômeno complexo causado pela interação da grande mídia, mídia especializada e sites da Internet; e mídia ‘informal’, ou seja, telefones sem fio, mensagens de texto, *paggers*, fax e e-mail”. É de Rothkopf (2003, sem paginação) a conceituação de infodemia como “[...] alguns fatos, misturados com medo, especulação e boato, amplificados e transmitidos rapidamente em todo o mundo pelas modernas tecnologias da informação”.

Essa descrição feita por Rothkopf no início do século 21 parece ter encontrado reforço no cenário recente em que informações manipuladas, desinformação e de boatos que acompanharam a crise sanitária ocasionada pela pandemia de COVID-19.

A Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) é uma das instituições que tem trabalhado para informar a população sobre os perigos do excesso informacional e sobre o enfrentamento da pandemia de COVID-19. O documento publicado por Brasil (2020, p. 3) a infodemia tem as seguintes características:

Ela dificulta que fontes idôneas e orientações confiáveis sejam encontradas pelas pessoas de modo geral, pelos responsáveis pela tomada de decisões e por profissionais de saúde quando precisam. As fontes podem ser aplicativos, instituições científicas, sites, blogs, “influenciadores”, entre outras;

As pessoas podem se sentir ansiosas, deprimidas, sobrecarregadas, emocionalmente exaustas e incapazes de atender a demandas importantes;

Ela pode afetar os processos de tomada de decisões quando se esperam respostas imediatas e não se dedica tempo suficiente para analisar com cuidado as evidências;

Não há controle de qualidade do que é publicado nem, às vezes, do que é usado para agir e tomar decisões;

Qualquer pessoa pode escrever ou publicar qualquer coisa na rede (*podcasts*, artigos, etc.) principalmente nos canais das redes sociais (contas de indivíduos e instituições).

De acordo com Durigan e Moreno (2013) às consequências do uso excessivo da informação podem se manifestar desde transtornos físicos que se manifestam pelo esforço repetitivo e uso inadequado de computadores até transtornos psicológicos, problemas de ordem psíquica e comportamental que resultam em várias patologias. Esse cenário resulta no que Durigan e Moreno (2013, p. 90) chamam de “Quadros de normose informacional ou informatose”.

Além dos vários transtornos que afetam a saúde humana, o excesso de informação pode acarretar problemas na saúde pública e na gestão da informação em atividades como a seleção e armazenamento. Nesse sentido, a infodemia figura como:

Um volume extraordinariamente grande de informação (levando a problemas relacionados à localização, capacidade de armazenamento e garantia da qualidade, visibilidade e validade da informação) com produção acelerada (o que dificulta avaliar seu valor, gerenciar o processo de seleção de informação, aplicar resultados e rastrear seu histórico, resultando em um esforço em vão). (Zielinski, 2021, p. 8, tradução nossa)

As situações apontadas devem ser vistas com preocupação, logo, o combate à desinformação deve ser uma preocupação coletiva, pois ela causa danos na vida das pessoas, na saúde pública, na economia, na educação, na política, dentre outros.



Um estudo realizado em Pesquisa (2021) teve como objetivo explorar os efeitos da infodemia sobre internautas da América Latina. O trabalho focou em elementos como saúde mental e emocional e ocorreu durante a pandemia de COVID-19 entre os meses de fevereiro e março, o público total foi de 2358 pessoas entrevistadas e com faixa etária entre 25 a 65 anos. Elencamos três dos vários dados coletados nesse estudo: 1) o Brasil é o país que mais consome notícias e o México, menos; 2) as principais fontes de informações são as redes sociais e telejornais; 3) muitos latino-americanos afirmaram estar saturados com excesso de informações. No quesito Informação e segurança no trabalho, a pesquisa apontou o uso do *WhatsApp*, em todos os países, para compartilhar notícias.

A infodemia como citada anteriormente pode ser a causadora de doenças de cunho físico e psicológicos, a esse segundo tipo, pesquisadoras como Araújo (2021, p. 2) chamam de Patologias informacionais e são segundo a autora “[...] consequências do acesso e uso excessivo de informações”.

A primeira patologia apontada no artigo de Araújo (2021) é a desinformação, um fenômeno não exclusivo deste século, mas que apresenta uma nova configuração que acelera sua disseminação via plataformas de mídias sociais e aplicativos de mensagens instantâneas. Nesse novo cenário apresenta-se a desinformação digital em rede que figura como “Um conjunto de ações desinformacionais veiculadas nas diversas redes digitais existentes, tais como *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp*, *Telegram*, *X* (antigo *Twitter*) e similares” Schneider (2022).

Entender como funciona a desinformação pressupõe saber do que se trata e como se caracteriza, nesse sentido, a referência abaixo cumpre um papel importante:

Desinformar [...] pode ser compreendido como o ato de desformatar, de ampliar as incertezas. [...] A desinformação se configura hoje como dinâmica de produção, circulação e validação de pseudo-certezas, isto é, de informações que tendem a se aproximar de uma suposta verdade (correspondência com o fato, o acontecido), quando, com efeito, são mensagens distorcidas. [...] As desinformações apresentam aspectos e características de semelhança com o fato, mas com camadas de não verdade ou não correspondência adicionadas a elas. Assumem o estatuto de pseudo-verdades. Parecem, mas não são. (Salgado e Mattos, 2021, p. 46).

A desinformação é uma espécie de patologia que geralmente tem reflexos que ultrapassam o adoecimento individual, elas objetivam enganar, desmoralizam pessoas, instituições e colocam em xeque a informação verídica.

A sobrecarga informacional é outra patologia informacional citada no artigo de Araújo (2021). Segundo Bawden e Robinson (2008, p. 5) ela é uma “Condição natural e inevitável da espécie humana”. O que parece neurologicamente simples por ser uma condição natural pode ser afetado pelo que esses autores denominam de “[...] ambiente de informação moderno”.

A ansiedade informacional é outro elemento presente na classificação de patologia informacional destacada no artigo de Araújo (2021). A expressão foi criada por Richard Saul Wurman. Ao tratar sobre o tema Wurman (2003) citado por Durigan e Moreno (2013, p. 94) destacou que “A informação pode ser tida como a força motriz em nossas vidas, mas que se apresenta sob a forma de ‘pilhas’, que aumentam a cada dia, à espera de leitura, cada vez mais exigindo compreensão, o que leva a maioria dos indivíduos a um quadro de ansiedade”. Nesse



mesmo trabalho Wurman (2003) ainda citado por Durigan e Moreno (2013, p. 94) ressalta que a ansiedade de informação “[...] é o resultado da distância cada vez maior entre o que compreendemos e o que achamos que deveríamos compreender. É o buraco negro que existe entre dados e conhecimento e ocorre quando a informação não nos diz o que queremos ou precisamos saber”.

A sobrecarga e a ansiedade informacional são patologias que de certa forma estão atreladas às condições da natureza humana de atender às exigências fortalecidas pelo mundo moderno e contemporâneo que sugere que as pessoas precisam estar constantemente informadas para poder ter um bom desempenho no mundo do trabalho, dos estudos e nas relações sociais. Nesse cenário, a informação parece envelhecer rapidamente.

Percurso metodológico

Após uma breve apresentação das patologias informacionais, seguimos com uma seção que apresenta o caminho percorrido pelas pesquisadoras para alcançar os objetivos pretendidos. O mapeamento da literatura científica aconteceu mediante a realização de pesquisas na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) com delimitação de busca para o período de 2016 a 2022, também foram realizadas buscas nos Anais do Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIB) no ano de 2016 até 2019. Em 2020 o evento foi cancelado devido à pandemia de COVID-19 e, portanto, não foi possível publicar os anais desse período. A finalização dessa fase de buscas, nesses anais, incluiu 2021.

A delimitação desses períodos durante o mapeamento se deu porque muita informação e desinformação foi disseminada durante as eleições para presidente do Brasil e durante a Pandemia de COVID-19. Para essa delimitação temporal a premissa era que esse contexto poderia ter motivado os pesquisadores da Ciência da Informação a publicarem sobre as temáticas infodemia, patologias informacionais, desinformação, sobrecarga informacional e ansiedade informacional.

Quanto aos objetivos a pesquisa caracteriza-se como descritiva, com um viés exploratório e uma abordagem quantitativa. A sistematização da coleta de dados ocorreu em duas etapas: inicialmente foram usados apenas dois termos de busca na BRAPCI e nos Anais do ENANCIB, as palavras usadas foram: “Infodemias” e “Patologias informacionais”, ambos foram citados no artigo de Araújo (2021) a publicação que permitiu que tivéssemos o primeiro contato com esses temas. Como o nível de recuperação com esses termos foi baixo, empreendeu-se uma nova busca utilizando as mesmas palavras no singular, assim, a nova estratégia de busca se ocorreu por “Infodemia” e “Patologia informacional”. O uso das aspas durante as estratégias de busca teve como objetivo excluir itens que não fossem pertinentes para a pesquisa.



Na etapa seguinte optamos por ampliar as buscas na tentativa de obter um maior índice de recuperação de trabalhos, com isso, realizamos buscas usando alguns exemplos de Patologias informacionais relacionadas no artigo de Araújo (2021), a saber: desinformações, sobrecarga informacional e ansiedade informacional.

Resultados

O levantamento realizado na BRAPCI e nos Anais do ENANCIB utilizando os termos “Infodemias” e “Infodemia” demonstraram resultados distintos conforme os quadros 1 e 2.

Quadro 1 – Estratégia de busca realizada na BRAPCI

Termo de busca	Períodos da investigação	Resultados
“Infodemias”	2016 a 2022	2
“Infodemia”	2016 a 2022	37

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Os resultados alcançados em pesquisa na BRAPCI, mostra que o termo no singular apresenta uma recuperação de itens significativa em relação ao mesmo termo usado no plural (quadro 1). Esses itens recuperados foram publicados em 2020 e 2021. Um detalhe que chama a atenção é que muitos desses trabalhos tinham no seu resumo assuntos como desinformação e Pandemia de COVID-19.

Por sua vez, a pesquisa na base de dados dos Anais do ENANCIB no período de 2016 a 2019 e abrangendo 2021, utilizando os mesmos termos da pesquisa na BRAPCI, revelam resultados incipientes (quadro 2), isto é, esses assuntos foram pouco explorados pelos pesquisadores da Ciência da Informação em um evento que é uma referência importante para a área.

Quadro 2 – Estratégia de busca e resultados - Anais do ENANCIB

Termo de busca	Períodos da investigação	Resultados
“Infodemias “	2016 a 2019	0
“Infodemias”	2021	1
“Infodemia”	2016 a 2019	0
“Infodemia”	2021	1

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

A segunda fase da busca nas bases investigadas utilizou os termos de busca “Patologias informacionais” e “Patologia informacional”, cujos resultados estão expressos nos quadros 3 e 4.

Quadro 3 – Estratégia de busca e resultados - BRAPCI

Termo de busca	Períodos da investigação	Resultados
“Patologias informacionais”	2016 a 2022	0
“Patologia informacional”	2016 a 2022	1



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

O resultado dessa busca mostrou um artigo recuperado quando foi utilizado o descritor “patologia informacional”, o material publicado é o artigo de Araújo (2021) que também foi resultado na busca anterior quando a busca se deu pelos termos “patologias informacionais” e “patologia informacional”, conforme o quadro 1.

Quadro 4 – Estratégia de busca e resultados - Anais do ENANCIB

Termo de busca	Períodos da investigação	Resultados
“Patologias informacionais”	(2016 a 2019 e 2021)	0
“patologia informacional”	(2016 a 2019 e 2021)	0

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

Os dados dessa etapa retratam resultados ínfimos para os descritores utilizados. Em razão disso, optou-se em realizar novas buscas, usando termos relacionados a essas patologias e que foram abordados no artigo de Araújo (2021). Assim, um novo levantamento na BRAPCI e nos Anais do ENANCIB foi realizado com o uso dos descritores “desinformação” e “desinformações”.

Quadro 5 – Estratégia de busca e resultados - BRAPCI

Termo de busca	Períodos da investigação	Resultados
“Desinformações”	(2016 a 2022)	5
“Desinformação”	(2016 a 2022)	156

Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

Desta vez, a busca na BRAPCI trouxe 5 itens publicados em 2017, 2020 e 2022 quando a pesquisa se deu pela palavra “Desinformações”. Outra estratégia de busca foi adotada utilizando o descritor “Desinformação”, dessa vez, o índice de recuperação totalizou 156 publicações distribuídas no período entre 2017 a 2022, o resultado para o ano de 2016 foi de 0 (zero) artigos publicados. Em 2017 foram publicados 4 trabalhos; em 2018 foram 21 artigos, nessa busca foram identificadas duplicações de artigos, cerca de 6 trabalhos. A busca para o ano de 2019 trouxe 16 trabalhos e não foram identificados problemas de duplicação de materiais.

A sequência da pesquisa na base usando o termo “Desinformação” retornou para o ano de 2020 um total de 42 artigos publicados sendo que 2 estavam depositados de modo duplicado, em um deles percebeu-se que houve uma pequena variação no título e subtítulo do material, no entanto, os demais itens da publicação eram iguais. Em 2021 foram recuperados 55 artigos, identificou-se apenas 1 item duplicado. O encerramento dessa etapa se deu com a busca que retornou 18 artigos publicados no ano de 2022, deste número não foram identificadas duplicações de materiais.



Essa etapa demonstrou que o quantitativo de 156 itens recuperados na BRAPCI após o uso de uma estratégia pelo termo “Desinformação” apontou a necessidade de uma adaptação da metodologia usada inicialmente que era apenas de rastrear de forma quantitativa as publicações para o período pré-determinado, logo, a identificação das duplicações exigiu a leitura de alguns resumos para a comprovação dessas “inconsistências” ocasionadas pela duplicação de artigos na base. Essa etapa da pesquisa comprovou que de 2019 a 2022, a BRAPCI recebeu um quantitativo superior de publicações sobre o tema “Desinformação” quando comparado aos anos de 2016 a 2017.

De maneira semelhante, procedeu-se com a mesma estratégia de busca nos Anais do ENANCIB no período 2016 a 2019 e 2021, conforme quadro 5.

Quadro 6 – Estratégia de busca realizada nos Anais do ENANCIB

Termo de busca	Período (s)	Resultados
“Desinformações”	(2016 a 2019 e 2021)	0
“Desinformação”	(2016)	1
“Desinformação”	(2017)	0
“Desinformação”	(2018)	5
“Desinformação”	(2019)	6
“Desinformação”	(2021)	12

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Em comparação com os dados alcançados na BRAPCI (quadro 5), observa-se que os resultados da busca realizada nos Anais do ENANCIB (quadro 6) são menores, de um modo geral, houve um crescimento paulatino quando comparamos a totalidade de artigos recuperados quando os termos de busca foram os dos quadros 2 e 4. Isso denota que a temática da desinformação tem sido objeto de interesse dos estudiosos da Ciência da informação.

Ampliando a busca para outras patologias informacionais, foi realizada uma busca usando o termo Sobrecarga informacional, nas duas bases mencionadas nesse trabalho. Assim, na BRAPCI foram encontrados 5 artigos, já nos Anais do ENANCIB nos anos de 2006 a 2019 e 2021, o índice de recuperação foi de 0 (zero) publicações para todos os períodos.

Na última etapa do levantamento foi utilizada a expressão Ansiedade informacional tanto na BRAPCI quanto nos Anais do ENANCIB, os resultados foram os seguintes: 3 artigos publicados entre os anos de 2019 a 2021 para a BRAPCI e 0 (zero) artigos para o referido descritor nos Anais do ENANCIB.

Discutindo os resultados

O mapeamento proposto no objetivo geral da pesquisa foi alcançado a partir do uso de estratégias de buscas nas duas bases de dados analisadas e para isso foram realizadas buscas



usando descritores no singular e no plural, com e sem aspas mesmo sabendo que esse último recurso normalmente recupera publicações que não sejam pertinentes.

Os resultados nos permitem considerar que a mudança na forma de busca (palavra no singular ou plural) por exemplo, pode interferir no número de trabalhos recuperados, conforme se observou no quadro 1, onde a recuperação mostrou-se mais eficaz (36 itens) na base da BRAPCI do que a busca do referido termo no plural.

Outro ponto que merece atenção está relacionado ao índice de recuperação do descritor desinformação que foi dentre os temas elencados na pesquisa aquele com maior número de trabalhos publicados na BRAPCI conforme mencionado anteriormente, mesmo identificando a presença de artigos depositados de forma duplicada na base. A leitura de alguns resumos demonstrou que esses materiais tratam do fenômeno da desinformação atrelado a temas diversificados, no entanto, grande parte dessas pesquisas citam a Pandemia de COVID-19 de alguma maneira.

Quanto aos trabalhos publicados nos Anais do ENANCIB, o retorno de publicações usando o termo desinformação foi em menor número que na BRAPCI, mesmo assim, ainda foi um dos exemplos de Patologias informacionais mais citadas dentre as que pesquisamos, essa ação totalizou 24 trabalhos publicados quando somados todos os resultados descritos no quadro 5. Nessa pesquisa também se confirma que o período da Pandemia de COVID-19 foi o que mais gerou resultados sobre os termos investigados, reverberando positivamente no *quantum* de publicações científicas depositadas nessas bases de dados.

O número de trabalhos publicados acerca das temáticas da infodemia, sobrecarga informacional e ansiedade informacional nas fontes de informação científicas brasileiras investigadas e nos períodos delimitados, ainda são incipientes.

Conclusão

Após análise e exposição dos resultados algumas considerações foram possíveis: 1) consideramos ser importante o aumento no número de publicações com abordagem sobre essas temáticas na BRAPCI e nos Anais do ENANCIB pois entende-se que esses temas são relevantes para a compreensão dos rumos da produção, circulação e o fluxo da informação que são ramos que interessam à Ciência da Informação. É importante que cientistas da informação possam debater sobre infodemia e as patologias informacionais como problemas resultantes do excesso de informação que acometem a saúde física e psicológica das pessoas e, afetam a saúde coletiva, a economia, a educação e a política.

Um segundo ponto a ser considerado é que não se pretende fazer um juízo de valor sobre as pesquisas na área da Ciência da Informação brasileira, inclusive, entende-se que novos empreendimentos científicos devem ser realizados, considerando outras bases de dados, com foco nesses e em outros períodos, o que pode revelar novos cenários da produção científica (sobre os temas supracitados) no contexto brasileiro.



Por fim, defende-se que o enfrentamento ao “adocimento social” causado pelo excesso de informação passa por questões que envolvem a compreensão da capacidade humana de absorção da informação observando a utilidade e a veracidade da mesma. Diante disso, faz-se necessário a elaboração de estratégias para melhor aproveitamento da informação em todo e qualquer formato, tipo de suporte e meio de acesso. A receita para esse enfrentamento passa por vários entes da sociedade, a saber: órgãos da gestão pública, escolas, universidades, plataformas de mídias sociais, bibliotecas, organizações sem fins lucrativos, dentre outros. Por fim, acredita-se que investir em educação midiática e em fontes de informação verídicas pode contribuir para a formação de sujeitos críticos e competentes capazes de lidar com o excesso de informação, de identificar conteúdos verídicos e úteis daqueles que são desinformativos e, com isso, preservarem sua saúde física e mental.

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”

Referências

- Araújo, Eliany Alvarenga de (2021). Práticas informacionais em ambientes de endemias: reflexões para o estudo de patologias informacionais. *Liinc em revista*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5700/5291>. [Consulta 10/5/2022].
- Bawden, David e Robinson, Lyn (2008). The dark side of information: overload, anxiety and other paradoxes and pathologies. *Journal of Information Science*, v. 35, n. 2, p. 180-191. Disponível em: <https://openaccess.city.ac.uk/id/eprint/3109/1/dark%20side%20of%20information.pdf>. [Consulta 5/5/2022].
- Brasil. Organização Pan-Americana de saúde (2020). Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a Covid-19: kit de ferramentas de transformação digital. **Folheto informativo**. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=16. [Consulta 2/5/2022].
- Duringan, Gisele Mara e Moreno, Nádina Aparecida (2013). Fluxo e a demanda de informação: a busca pelo ponto de equilíbrio na sociedade da informação. *Ponto de acesso*, Salvador, v.7, n.2, p. 89-106. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/4680/6137>. [Consulta 20/04/2022].
- Foresti, Fabricio; Varvakis, Gregório e Vieira, Angel Freddy (2018). A importância do contexto na Ciência da Informação. *Biblios: Journal of Librarianship and Information Science online*, n. 72., 1-21. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/86186>. [Consulta 8/2/ 2021].
- PESQUISA: a infodemia e os impactos na vida digital (2021). <https://www.kaspersky.com.br/blog/pesquisa-infodemia-impactos-vida-digital/17467/>. [Consulta 1/5/2022].



Rothkopf, David J (2003). Quando o zumbido morde de volta. **The Washington post**: a democracia morre na escuridão. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/archive/opinions/2003/05/11/when-the-buzz-bites-back/bc8cd84f-cab6-4648-bf58-0277261af6cd/>. [Consulta 30/04/2022].

Salgado, Tiago e Mattos, Maria Ângela (2021). Capítulo 2. Da informação à desinformação: conceitos e abordagens das teorias acerca da comunicação. En Alzamora, Geane. et al. (Orgs.). **Sociedade da desinformação e infodemia**. Belo Horizonte: Fafich/Selo, p. 39-62. Disponível em: <https://seloppgcom.fafich.ufmg.br/novo/wp-content/uploads/2021/10/Sociedade-da-desinformacao-e-infodemia-Selo-PPGCOM-UFMG-1.pdf>. [Consulta 18/03/2022].

Schneider, Marco (2022). Hegel e a Desinformação Digital em Rede. En Saldanha, Gustavo; Castro, Paulo César e Pimenta, Ricardo (Orgs.). **Ciência da Informação**: sociedade, crítica e inovação. Rio de Janeiro: IBICT, p. 199-220. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1227>. [Consulta 11/05/2022].

Zielinski, C (2021). Infodemics and infodemiology: a short history, a long future. **Rev Panam Salud Publica**, v. 45, n.40. Disponível em: <https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/53850/v45e402021.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. [Consulta 3/5/2022].

